

A COMUNICAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO ENTRELAÇADOS ÀS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS CAPITALISTAS DO NOSSO TEMPO

Roseli Figaro

■ Professora titular da Universidade de São Paulo, bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 2. É coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). Coordena o projeto temático Fapesp (2023-2028) Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores: os embates com as determinações das empresas de plataformas.

■ *Profesora Titular de la Universidad de São Paulo, Becaria de Productividad en Investigación del CNPq, Nivel 2. Es coordinadora del Centro de Investigación en Comunicación y Trabajo (CPCT). Coordina el proyecto temático Fapesp (2023-2028) Datificación de la comunicación y la actividad laboral de los arreglos de los comunicadores: los choques con las determinaciones de las empresas de plataforma.*

■ Email: roseli.figaro@gmail.com

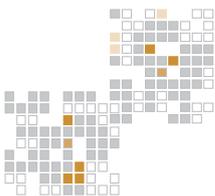
Claudia Nociolini Rebecchi

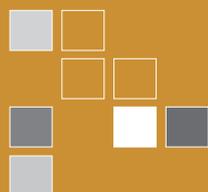
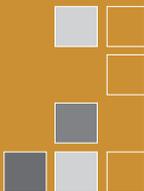
■ Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Trabalho, Tecnologia e Capitalismo Digital (UTFPR/CNPq) e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP/CNPq.

■ *Doctorado y maestría por el Programa de Posgrado en Ciencias de la Comunicación de la Escuela de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA-USP). Profesora del Departamento Académico de Lenguaje y Comunicación (DALIC) y del Programa de Posgrado en Tecnología y Sociedad (PPGTE) de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná (UTFPR). Vice-líder del Grupo de Investigación Trabajo, Tecnología y Capitalismo Digital (UTFPR/CNPq) e investigadora del Centro de Investigación en Comunicación y Trabajo de la ECA-USP/CNPq.*

■ Email: claudiarebecchi@utfpr.edu.br

20





Teresita Vargas

■ É formada em Comunicação Social (Planejamento Comunitário) pela Universidade Nacional de La Plata. É professora e pesquisadora da UNLP e da UBA. Leciona no Mestrado em Gestão da Comunicação da Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES), Buenos Aires. Acompanha organizações sociais e comunitárias em processos de ensino e aprendizagem para o desenho de estratégias de comunicação e construção coletiva. É membro fundadora do Centro de Comunicação Rimasay, em Catamarca.

■ *Licenciada en Comunicación Social (Orientación en Planificación Comunitaria) por la Universidad Nacional de La Plata. Es docente e investigadora en la UNLP y la UBA. Es profesora en la Maestría de Dirección en Comunicaciones de la Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES), Buenos Aires. Acompaña a organizaciones sociales y comunitarias en procesos de enseñanza y aprendizaje para el diseño de estrategias de comunicación y de construcción colectiva. Es socia fundadora del Centro de Comunicación Rimasay en Catamarca.*

■ Email: teresitavargas@yahoo.com.ar

Gabriel Kaplún

■ Docente e pesquisador da Universidade da República do Uruguai, professor da Faculdade de Informação e Comunicação, coordenador do grupo de pesquisa AlterMedia (Alternativas de Mídia), do Observatório de Profissões de Comunicação e dos Indicadores de Desenvolvimento de Mídia da Unesco para o Uruguai. Ele é membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do Uruguai (Nível II). Ex-diretor do Instituto de Comunicação. Professor convidado em outras universidades latino-americanas e europeias.

■ *Docente e investigador de la Universidad de la República de Uruguay, Profesor Titular de la Facultad de Información y Comunicación, coordinador del grupo de investigación AlterMedia (Alternativas Mediáticas), del Observatorio de las Profesiones de la Comunicación y de los Indicadores de Desarrollo Mediático de Unesco para Uruguay. Integra el Sistema Nacional de Investigadores de Uruguay (Nivel II). Ex director del Instituto de Comunicación. Docente invitado de otras universidades latinoamericanas y europeas.*

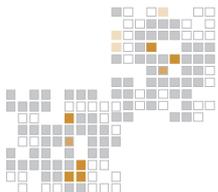
■ Email: gabriel.kaplun@fic.edu.uy

José Miguel Pereira Gonzalez

■ Professor associado da Pontificia Universidad Javeriana. Comunicador social. Diretor do Departamento de Comunicação (1998 - 2002), da Licenciatura em Comunicação Social (2002 - 2006), do Mestrado em Comunicação (2008 - 2018) e, desde 2004, coordenador acadêmico da Cátedra UNESCO de Comunicação. Membro do grupo de pesquisa “Comunicação, Mídia e Cultura”, das redes e associações internacionais de pesquisa Alaic e Orbicom.

■ *Profesor Asociado de la Pontificia Universidad Javeriana. Comunicador Social. Director del Departamento de Comunicación (1998 - 2002), de la Carrera de Comunicación Social (2002 - 2006), de la Maestría en Comunicación (2008 - 2018) y, desde 2004 coordinador académico de la Cátedra UNESCO de Comunicación. Miembro del grupo de investigación en "Comunicación, Medios y Cultura", de las redes y asociaciones internacionales de investigación de Alaic y Orbicom.*

■ Email: jmpereira@javeriana.edu.co



A comunicação e o mundo do trabalho entrelaçados às transformações tecnológicas capitalistas do nosso tempo

Desde os primeiros movimentos da denominada racionalização científica do trabalho, os processos comunicacionais adentram o mundo do labor. De prescrições escritas ou orais, de reuniões a ordens dos imediatos (gerentes e chefes), do modelo Taylorista/Fordista ao Toyotismo, temos a intensificação de estratégias comunicacionais na organização e gestão do trabalho. Ou seja, no século XX, a comunicação e seus usos já se mostravam fundamentais aos detentores do capital que procuram acumular riqueza, em grande medida, a partir da exploração da atividade humana de trabalho.

Os processos de trabalho na gestão capitalista, implicados pelas recentes transformações tecnológicas, nas duas primeiras décadas do século XXI, ficaram ainda mais dependentes da comunicação e de trabalhadoras e trabalhadores que a mobilizam sob princípios e orientações de agentes capitalistas articuladores de visões de mundo unilaterais a favor de seus interesses comerciais e políticos.

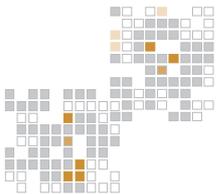
É nesse contexto que emerge, nos anos 2000, a hegemonia tecnológica do Vale do Silício, a qual entra em conexão explosiva com a ordem neoliberal, dando origem a um novo modelo de negócio: empresas que controlam tecnologia digital e se organizam como plataformas de diferentes perfis e interesses econômicos.

São empresas que têm em comum a gestão algorítmica do trabalho, a coleta de dados, o uso de variados recursos de ‘inteligência artificial’, com a finalidade de atualização permanente da programação algorítmica, venda de perfis no mercado publicitário, gestão da vida pública e das relações sociais. Exemplos não faltam: interferência em eleições, dados vazados, polarização política e religiosa, circulação de

desinformação. Essas empresas operam na lógica da compressão tempo-espço, potencializando a circulação de informação para produção, compra e venda de mercadorias de qualquer tipo. O trabalho não escapa a essa lógica. São empresas de plataforma de comunicação e trabalho.

Nesse contexto, é preciso destacar que toda nova matriz tecnológica introduz mudanças nas formas de trabalhar e de organizar o trabalho. Se este aspecto é louvável e se espera que as novidades do conhecimento humano possam melhorar a vida das pessoas, todavia, não se pode esquecer que essas novidades técnicas, tecem um outro *sensorium* tecno-científico o qual emerge no contexto do sistema capitalista em sua fase de financeirização. Assim, não se pode dissociar o que se produz como novidade técnica, novas ferramentas, processos etc. do sistema econômico e político que os controla, haja vista que essas inovações estão a serviço hegemonicamente daqueles que controlam poder e dinheiro. A história nos ensina que, se o avanço do conhecimento das técnicas e da ciência tem base real, estruturada no trabalho daqueles que estão envolvidos nesses processos – sobretudo os trabalhadores, porque deles se extrai conhecimentos na forma do trabalho vivo –, a posse e uso desse conhecimento é orientada e formatada para voltar à sociedade conforme os interesses das classes hegemônicas.

Os trabalhadores e as trabalhadoras da comunicação, das artes, da cultura também estão submetidos a essa lógica. No caso das profissões da área da comunicação, elas são expressão do processo de industrialização e da globalização do capital que foi se constituindo, em países como o Brasil, a partir da segunda década do século XX. Momento em que outras profissões emergiam enquanto algumas desapareciam, conforme observa-se atualmente na área da comunicação. Então, o que há de novo no cenário da exploração do trabalho como finalidade do capital?



O novo dessa história é que as formas de exploração do trabalho humano entraram em um território ainda inédito. As tecnologias digitais e a estrutura montada a partir da internet como grande rede comunicacional oportuniza a captura de todos os gestos humanos e as interações sociais como subsídio para incrementar a maquinaria que opera por meio de dados. Essa maquinaria só pode ser montada com esses propósitos e finalidades comerciais, porque há décadas, pelos menos duas antes dos anos 2000, operou-se uma grande crise, cuja solução encontrada pelo sistema do capital, foi o de aprofundar a maneira de extrair mais valor do trabalho: intensificar o trabalho e reduzir ou acabar com direitos.

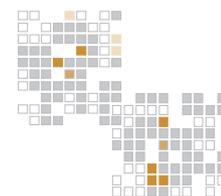
As diretivas do neoliberalismo implantadas por Margareth Thatcher e Ronald Reagan espalharam-se pelos países ao redor do mundo, e os primeiros a sentirem seus efeitos foram os trabalhadores (mineiros, no caso inglês) que perderam empregos e direitos. Ou seja, o que se afirma aqui é que o modelo de negócio das empresas de plataforma existe porque as novidades tecnológicas construídas a partir de conhecimento científico foram apropriadas pela ordem neoliberal para aumentar a exploração do trabalho e o consumo baseado na obsolescência dos produtos. O tempo de trabalho e de não trabalho se entrelaçam, vida privada e vida pública se confundem, e de todos esses espaços-tempos se extraem dados coletados de trabalhadores e consumidores (clientes, usuários), os quais são fundamentais para a gestão capitalista do trabalho por meio de algoritmos.

Grande parte do trabalho (pago e não pago) e consumido pelas plataformas digitais é invisibilizado e subjugado pelas empresas que as operam como se não existissem milhões de seres humanos que fazem funcionar esse mecanismo. Os recursos de “inteligências artificial” e outras tecnologias digitais fundamentais para o êxito das empresas de plataforma não seriam uma

realidade sem o trabalho humano engendrado para a sua criação, sua manutenção e seu aprimoramento. Ao mesmo tempo, esse trabalho humano não existiria sem a comunicação e seus usos. Além do mais, as empresas que usufruem dos resultados desse trabalho, também, não conseguem prescindir de estratégias de comunicação para fazer a gestão capitalista do trabalho e manter seu modelo de negócios.

Nesse contexto de transformações profundas, o mundo do trabalho dos comunicadores também teve fortes mudanças. Entre outros, a emergência da mídia digital e as crescentes dificuldades da mídia tradicional que não se adapta a essa nova realidade, a precariedade das condições de trabalho de jornalistas e comunicadores em geral, o aparecimento de novas áreas de trabalho ligadas ao mundo digital ou o crescimento de outras, como a comunicação organizacional, a dissolução de fronteiras entre várias áreas tradicionais ou novas, com o conseqüente “hibridismo” dos perfis de trabalho na prática cotidiana. Também o aparecimento de novos arranjos alternativos de trabalho que se abrem, ao mesmo tempo, horizontes de esperança e incertezas sobre sua sustentabilidade econômica, social e comunicacional.

Assim, a formação profissional em comunicação é fortemente tensionada e, muitas vezes, questionada. Como se adaptar a novas realidades sem perder o senso crítico? Como promover visões críticas sem desconsiderar as reivindicações - e o direito - daqueles que estão praticando seu trabalho com dignidade? Devemos abandonar as formações tradicionais e construir outras, capazes de integrar a diversidade de perfis e a digitalização da comunicação, trabalho, vida? Quais parâmetros éticos, políticos, teóricos e técnicos continuam a fazer sentido e quais devem ser revisados? Para ajudar essa discussão, vale a pena perguntar o que os profissionais fazem em sua prática diária?



como eles usam o conhecimento que tentamos compartilhar com eles durante a formação e que outros saberes estão construindo?

Tendo tudo isso em vista, é possível dizer que o modelo hegemônico de uso das tecnologias se impõe para obliterar outras formas possíveis de apropriação dos conhecimentos da humanidade. Mas sempre há resistências e podemos observar importantes iniciativas de organizações coletivas de trabalhadores e de outros atores da sociedade civil, demonstrando, inclusive, que outros usos de tecnologia são possíveis. Compreendemos que os estados nacionais democráticos, a sociedade civil e os movimentos populares precisam intensificar sua atuação por soberania informacional, regulando o modelo de negócio dessas empresas e buscando tecnologias alternativas, modos e formas de comunicação que deem conta das identidades, memórias, diversidades culturais, linguísticas e suas plurais formas de política para que a população possa se afirmar como sujeitos de direitos que exercem a liberdade de pensamento, expressão e comunicação.

Por fim, a recepção à proposta deste dossiê intitulado “Comunicação e o mundo do

trabalho”, diante de nossa perspectiva crítica sobre os assuntos vinculados a ele expostos anteriormente, foi bastante exitosa e recebemos muitas e significativas contribuições de estudiosas e estudiosos com valiosas reflexões.

Considerando as normas de avaliação da *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* e a aderência à proposta deste dossiê, 22 artigos compõem o sumário, permitindo-nos organizá-los em três eixos de conteúdos: artigos que discutem a temática da plataformização e da datificação como aspecto geral que conforma e dita o funcionamento da sociedade; artigos que discutem os impactos, as alterações e mudanças ocorridas no trabalho de comunicadores com o advento da plataformização; e, por fim, artigos que discutem a questão da formação profissional e dos dilemas dos cursos universitários.

Desejamos que esse intenso trabalho que contou com a colaboração de tantas pessoas, autores, revisores, secretaria da revista e editores possa trazer contribuições efetivas aos leitores.

Roseli Figaro, Claudia Nociolini Rebechi, Teresita Vargas, Gabriel Kaplún e José Miguel Pereira Gonzalez (coordenadores do dossiê)

